

issn: 2176-5960



Προμηθεύς  
journal of philosophy



n. 35 January/April 2021

**RESENHA: INKPIN, Andrew. *Disclosing the World: On the Phenomenology of Language*. MIT Press, 2016.**

Júlia Garcia Tronco<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esta resenha apresenta o livro de Andrew Inkpin, *Disclosing the World: On the Phenomenology of Language*. O autor tem como objetivo apresentar uma interpretação fenomenológica da linguagem a partir daquilo que ele identifica como a *função desveladora* (*disclosive function*) da linguagem e que vá de encontro, de maneira apropriada, com a variedade da experiência linguística presente na existência humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fenomenologia da Linguagem; Inkpin; Heidegger; Merleau-Ponty; Wittgenstein.

**ABSTRACT:** This review presents the book *Disclosing the World: On the Phenomenology of Language* from Andrew Inkpin. The author aims to present a phenomenological interpretation of language from what he identifies as a *disclosive function* of language and that is appropriate with the variety of linguistic experience present in human existence.

**KEYWORDS:** Phenomenology of Language; Inkpin; Heidegger; Merleau-Ponty; Wittgenstein.

No livro *Disclosing the World: On the Phenomenology of Language*, publicado em 2016, Andrew Inkpin analisa interpretações filosóficas a respeito da linguagem com o intuito de elaborar sua própria fenomenologia da linguagem. O autor parte de teses e abordagens de três filósofos para construir sua concepção: Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty e Ludwig Wittgenstein. A partir disso, são feitas análises e elucidações dessas teses para construir o que ele chama de uma *completa fenomenologia da linguagem*. A estratégia de Inkpin ao utilizar teses desses autores é justificada por três convicções. Primeiro, cada uma dessas teses a respeito da linguagem captura algo de grande importância e relevância em relação ao tema, o que pode contribuir para o que já foi referido como uma completa fenomenologia da linguagem. Segundo, embora seja

---

<sup>1</sup> Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, Brasil (2019).

evidente que cada filósofo esteja comprometido com o reconhecimento da importância da linguagem e seu aspecto desvelador de mundo, os autores citados acabam tanto por elucidar e analisar certos aspectos do fenômeno, quanto por deixar alguns elementos fora do escopo de suas teses, o que acaba gerando certas lacunas em suas interpretações. Por fim, Inkipin reconhece que essas lacunas podem ser preenchidas e complementadas através da unificação das teses e abordagens dos três filósofos escolhidos para guiar a construção da fenomenologia de linguagem proposta. Desse modo, Inkipin pretende, de maneira crítica, combinar estas três abordagens de linguagem em uma versão unificada e completa de linguagem.

O autor tem como objetivo apresentar uma abordagem fenomenológica da linguagem a partir daquilo que ele identifica como a *função desveladora (disclosive function)* da linguagem e que vá de encontro, de maneira apropriada, com a variedade da experiência linguística presente na existência humana. Sua principal contribuição é desenvolver uma concepção fenomenológica do contexto e dos processos da abertura linguística – como a inteligibilidade de mundo se expressa através da linguagem –, assim como, identificar aspectos nos quais o resultado de sua pesquisa seja de interesse filosófico. A abordagem utilizada na obra é de cunho fenomenológico e, com isso, Inkipin também pretende elucidar o que significa propriamente uma concepção fenomenológica da linguagem. A motivação de Inkipin surge do modo como a experiência linguística vem sem esforço: falamos, apontamos, compreendemos linguagem padrão, linguagem coloquial, dialetos de nossa língua materna, gírias, abreviações, assim como, compreendemos linguagem corporal, gestos, entonações vocais e insinuações de significado presentes nessas entonações vocais – sem necessariamente refletir ou tematizar tais comportamentos conforme são experienciados. A experiência linguística se manifesta em diferentes variedades que são determinadas a partir de diferentes fatores como cultura, domínio linguístico, língua materna, gênero, idade, entre outros. Segundo Inkipin é preciso atentar para tais variedades, tanto a experiência padrão e comum de uso linguístico, como aquelas experiências linguísticas mais elaboradas como poesia, linguagem jurídica e, ainda, formas não-predicativas de linguagem, tais como, gestos e linguagem corporal.

A partir dessas considerações, Inkipin apresenta seu método de trabalho: sua metodologia é uma espécie de *fenomenologia minimalista* que consiste em descrever de forma acurada como as coisas aparecem ou se manifestam de modo mais superficial. Tal método mais minimalista também é referido como *phenomenological accountability*

e indica que, no caso da linguagem, será necessário descrever de forma acurada o modo como a linguagem é experienciada pelos seres humanos.

O livro estrutura-se em quatro seções, divididas em capítulos. As três primeiras seções apresentam e avaliam aspectos das concepções sobre o fenômeno da linguagem a partir das obras de Heidegger, Merleau-Ponty e Wittgenstein. A última seção trata da vinculação das teses e abordagens destes filósofos, assim como, da construção da fenomenologia da linguagem proposta pelo autor.

A primeira seção do livro centra-se na interpretação de linguagem feita por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* (1927). O primeiro capítulo parte de uma apresentação básica dos pontos relevantes de *Ser e Tempo* sobre o tema, para criar uma imagem geral do que Heidegger chama de “lugar ontológico da linguagem”, a saber, o papel da linguagem no fenômeno da abertura de mundo. O capítulo tem por foco a reconstrução de um problema interpretativo presente em *Ser e Tempo* sobre a estruturação da abertura de mundo – ou de maneira mais geral, do modo como se estruturam os comportamentos intencionais humanos. O problema surge a partir do reconhecimento de duas tendências interpretativas, aparentemente conflitantes, as quais ameaçam a coerência e tornam o papel da linguagem na articulação compreensiva de mundo não muito claro. As tendências conflitantes são sobre como se dá a determinação e articulação da estrutura da abertura de mundo e dos comportamentos intencionais. Na elucidação das ocupações cotidianas e da significatividade (§§15-18) e também na análise da estrutura da abertura de mundo (§§28-33) – Heidegger parece não equiparar a originariedade do aspecto discursivo (*Rede*) e linguístico (*Sprache*) com a compreensão (*Verstehen*), dando a entender que a compreensão poderia ser mais fundamental que o aspecto discursivo da existência. Nesse sentido, a abertura de mundo seria estruturada a partir de níveis intencionais mais básicos – práticos e pré-predicativos – e culminaria em comportamentos intencionais mais elaborados com linguagem proposicional e predicativa, assim como, comportamentos temáticos. Porém, em outro momento há a indicação de a linguagem e o discurso serem fundamentais e originários (§34), sugerindo, que todo comportamento intencional já seria determinado de forma linguística e predicativa desde sua base. A interpretação de Inkipin vai na direção de reconhecer que com uma análise atenta e cuidadosa é possível ver a conexão entre linguagem e conteúdo intencional, desse modo, não haveria uma progressão ou estratificação dos comportamentos intencionais, mas uma ocorrência simultânea: comportamentos práticos e discursivos fazem parte da existência com igual

originariedade. A conclusão que Inkipin apresenta a partir da análise deste problema em *Ser e Tempo* é que a linguagem já é sempre determinante e fundamental nos comportamentos intencionais humanos, assim como a compreensão.

O segundo capítulo se ocupa de apresentar as interpretações heideggerianas acerca do modo como se dá a compreensão prática nos contextos ocupacionais, de maneira pré-predicativa e pré-temática. O capítulo três apresenta e desenvolve a complexa função dos sinais linguísticos partindo de uma análise do uso linguístico na cotidianidade, o falatório (*Gerede*). É neste capítulo que o autor ressalta a importância da interpretação heideggeriana de que sinais linguísticos possuem uma função de abertura de mundo, no sentido em que, sinais linguísticos auxiliam na inteligibilidade de mundo do ente humano.

A segunda seção foca na concepção de linguagem apresentada por Merleau-Ponty nos anos 1950. O capítulo quatro discute o modo como algumas características da concepção de linguagem de Merleau-Ponty seriam uma forma de comportamento expressivo corporificado e mostra como essa concepção complementa e se ajusta às interpretações de Heidegger. Nesse capítulo é apresentado como Merleau-Ponty interpreta modo como a linguagem nos conecta intimamente com mundo e desempenha um papel constitutivo na formulação de pensamento. Inkipin também ressalta a importância das teses de Merleau-Ponty baseadas na noção “*sentido vivo*” da linguagem. Isso significa que não só a linguagem é um fenômeno “vivo”, de modo que se modifica ao longo do tempo, se molda a situações, etc., mas também faz parte de um corpo humano que é vivo. O quinto capítulo analisa de maneira mais específica a função desveladora dos sinais linguísticos explorando como a noção de *sentido indireto* – como algo expressa mais do que de fato diz ou mostra – explica o *sentido presentacional*. Isso é feito em três direções: 1. Apropriação que Merleau-Ponty faz da tese de Saussure – apresentada em 1947 – sobre como os sinais linguísticos fornecem uma imagem detalhada da estrutura do *sentido presentacional* e da noção de *sentido indireto*: os quais seriam modos de inteligibilidade; 2. Uso da pintura moderna como um modo de expressão desvelador de mundo: a arte é capaz de trazer à tona aspectos do mundo; 3. Apresentação de um modelo inovador para pensar a função presentativa dos sinais linguísticos os quais fornecem aspectos relevantes para compreender mundo.

A terceira seção do livro é sobre Wittgenstein. O capítulo seis analisa a maneira como Wittgenstein estava comprometido com uma concepção de linguagem fazendo referência aos *jogos de linguagem* e as regras e normas linguísticas. O sétimo capítulo

trata das regras linguísticas e o *knowing-how* prático da vivência linguística. Para Inkipin a filosofia da linguagem de Wittgenstein é capaz de explicar a noção de sentido pragmático de uma maneira plausível fenomenologicamente.

No oitavo capítulo se delinea a parte mais importante do trabalho de Inkipin em seu livro. Apresenta sua concepção fenomenológica da linguagem trazendo influências das interpretações apresentadas ao longo do livro, de Heidegger, Merleau-Ponty e Wittgenstein. O ponto principal da obra é quando o autor explicita no que consiste a abertura de mundo através da linguagem e qual sua função na existência humana. A primeira característica é situar o papel da linguagem em uma visão geral de como o mundo é acessado e compreendido pelo ente humano. O autor reforça que sua concepção reconhece a linguagem como incorporada ou distribuída por outros aspectos do mundo, além de adotar uma atitude antirreducionista e não-formalista em relação aos fenômenos linguísticos e tratar a linguagem como um processo. Sendo assim, a experiência linguística é responsável pela inteligibilidade de mundo que o ser humano possui – ressaltando que tal fenômeno é sempre social e vinculado com a cultura e contexto histórico daquele que experiencia a linguagem. Inkipin portanto, volta para a interpretação heideggeriana da abertura de mundo e sugere que a linguagem genuinamente revela ou descobre o que está ao nosso redor, exatamente como é (o mundo real e objetivo, por assim dizer), ou seja, “abre” mundo.

A seção final tem como objetivo identificar a significância filosófica da interpretação de linguagem construída ao longo do livro. Os capítulos finais discutem como as concepções fenomenológicas da linguagem analisadas na obra contribuem para o reconhecimento da linguagem como desveladora de mundo. O nono capítulo foca na relação entre a concepção fenomenológica de linguagem apresentada com posições *mainstream* da filosofia da linguagem como as que Inkipin chama de “posições semânticas”. O último capítulo volta a tratar da questão de uma *fenomenologia minimalista* e de sua contribuição para a fenomenologia da linguagem. O autor ainda questiona quais interpretações ou investigações poderiam complementar de maneira satisfatória e aprofundada a concepção de linguagem dada por uma *fenomenologia minimalista*, segundo ele a resposta encontra-se nas ciências cognitivas e nas reivindicações das ciências cognitivas 4EA (*embodied, embedded, enacted, extended, affective*) – nesse sentido, o autor é favorável a interpretações fenomenológicas naturalizadas, as quais vinculam a fenomenologia com pesquisas científicas.

O livro de Inkipin é denso e informativo em função de sua análise textual, revisão teórica e exegese de três autores diferentes, os quais não são autores de fácil e rápida imersão. A escrita de Inkipin é bastante fluida, de fácil acesso e leitura e sempre busca relacionar suas análises de outros filósofos com uma abordagem própria, inserindo insights, questões e possibilidades interpretativas que mais à frente no texto serão retomadas e trabalhadas de maneira mais profunda. A principal contribuição do trabalho é analisar e reconstruir abordagens de vários autores criando com isso uma abordagem modificada e inovadora a respeito do modo como a linguagem está imersa na maneira como o ser humano dá significado e sentido para si, para o outro e para o mundo.